

Artigo Original

# Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de uma universidade pública brasileira

## *Prevalence of common mental disorders and associated factors in students of a Brazilian public university*

Daniela da Silva Rodrigues<sup>a,b</sup> , Daniel Marinho Cezar da Cruz<sup>c</sup> ,  
Janaína Santos Nascimento<sup>d</sup> , Maria Fernanda Barboza Cid<sup>b</sup> 

<sup>a</sup>Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

<sup>c</sup>Leeds Beckett University, Leeds, United Kingdom.

<sup>d</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Como citar:** Rodrigues, D. S., Cruz, D. M. C., Nascimento, J. S., & Cid, M. F. B. (2022). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de uma universidade pública brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3305. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO252833051>

### Resumo

**Objetivo:** Os objetivos deste estudo foram descrever o perfil dos estudantes das áreas da saúde e exatas de uma universidade pública da região Centro-Oeste, determinar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre estes estudantes e verificar os fatores sociodemográficos e relacionadas ao curso associados a sua ocorrência no contexto da pandemia. **Método:** Estudo transversal e de correlação realizado de maio a setembro de 2020 com uma amostra de 493 estudantes que responderam a um questionário eletrônico sobre as variáveis sociodemográficas e ao *Self Reporting Questionnaire* – SRQ 20. Foram realizadas análises descritivas das variáveis e de regressão logística por meio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 21.0. Foi adotado ponto de corte  $\geq 7$  no SRQ-20 para suspeição de TMC. **Resultados:** A prevalência de TMC na população estudada foi de 66,1%. Na comparação entre os grupos (com ou sem TMC), as maiores taxas de prevalência estavam vinculadas ao sexo feminino ( $p < 0,001$ ) e estar em acompanhamento de saúde ( $p < 0,001$ ). A análise de regressão indicou como preditores significativos para TMC ser do sexo feminino ( $p < 0,001$ ) e estar em algum curso da área de exatas ( $p = 0,050$ ). **Conclusão:** A alta prevalência de TMC demonstra a importância de programas de prevenção do sofrimento psíquico centrados nas necessidades dos acadêmicos, considerando o seu contexto e realidade vivida, buscando à promoção de saúde, bem-estar e o cuidado dos estudantes universitários.

Recebido em Abr. 18, 2022; 1ª Revisão em Abr. 27, 2022; Aceito em Jul. 6, 2022.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Estudantes, Transtornos Mentais, Assistência em Saúde Mental.

### **Abstract**

**Objective:** Describe the profile of students in the health and exact undergraduate courses of a public university in the Midwest region of Brazil, determine the prevalence of Common Mental Disorders (CMD) among these students, and verify the sociodemographic and course-related factors associated with their occurrence. **Method:** A cross-sectional and relational study was carried out from May to September 2020 with a sample of 493 students who answered a survey on sociodemographic variables and the Self-reporting Questionnaire (SRQ 20). We conducted descriptive analyses of the variables and logistic regression, using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS), version 21.0. A cutoff point  $\geq 7$  was adopted in the SRQ-20 for suspected CMD. **Results:** The prevalence of CMD in the sample was 66.1%. Comparison between the groups (with or without CMD) showed that the highest prevalence rates were linked to the female gender ( $p < 0.001$ ) and undergoing health care treatment ( $p < 0.001$ ). Regression analysis indicated significant predictors for CMD being female ( $p < 0.001$ ) and being enrolled in exact science courses ( $p = 0.050$ ). **Conclusion:** The high prevalence of CMD reinforces the need to invest in the creation of care spaces that pay special attention to women and exact sciences students, in addition to discussing student assistance policies aimed at promoting the health, well-being, and care of university students.

**Keywords:** Education Higher, Students, Mental Disorders, Mental Health Assistance.

## **Introdução**

Dados epidemiológicos recentes indicam um cenário preocupante relativo à experiência de sofrimento psíquico intenso pela população jovem mundial (World Health Organization, 2016), demonstrando que cerca de 10% a 20% dessas pessoas se encontram em sofrimento (World Health Organization, 2008, 2013), sendo os mais prevalentes os transtornos mentais comuns (TMC).

Os TMC estão entre os problemas de saúde mental mais frequentes na população em geral. Eles se manifestam por meio de múltiplos sintomas: irritabilidade, insônia, dificuldade de concentração, esquecimento, queixas somáticas, fadiga, ansiedade e depressão. Embora esses sintomas estejam presentes a ponto de comprometer as atividades cotidianas das pessoas, impactando a sua capacidade produtiva e de desempenho, eles não preenchem critérios suficientes para diagnósticos formais de acordo com os manuais diagnósticos: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5ª edição (DSM-V) (American Psychiatric Association, 2014) e Classificação Internacional de Doenças - 11ª revisão (CID-11); no entanto, ainda assim, configuram-se como um problema de saúde pública (Araújo et al., 2003, 2005; Moreira et al., 2011; Santos et al., 2019; Oliveira et al., 2020).

Estudos demonstram um aumento no número de TMC, também, em jovens universitários (Duffy et al., 2019; Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2018; Patton et al., 2016). Sabe-se que a transição para a universidade coincide com um período crítico e de desafios para o estudante, caracterizado pela individualização e distanciamento da família e amigos, desenvolvimento de novas conexões sociais e aumento da autonomia e responsabilidade (Patton et al., 2016).

Autores apontam que o ensino superior é marcado por ser um momento desafiador na vida dos jovens estudantes, considerando o caráter de adaptação (ritmo de estudo, metodologia de aprendizagem, exigência de autonomia) e a inexperiência em relação ao funcionamento do ambiente acadêmico, o que exige desses estudantes um confronto com múltiplas e complexas tarefas (Zbuinovicz & Mariotti, 2021; Padovani et al., 2014; Neves & Dalgalarondo, 2007). Além disso, esse pode ser considerado um período de intensas mudanças pessoais, cognitivas, afetivas e sociais, uma vez que é composto pela diversidade de experiências acadêmicas que se associam aos desafios decorrentes do ingresso na universidade (Castro, 2017; Padovani et al., 2014).

Frente a esse cenário, existe um crescente aumento no número de Instituições de Ensino Superior (IES) preocupadas com a saúde mental de seus estudantes (Cerchiari et al., 2005; Malajovich et al., 2017). Dados do V Relatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários Estudantis (2018), em uma amostra de 424.128 universitários, distribuídos em 65 IES, apontaram que 83,5% dos estudantes relataram ter passado por alguma dificuldade emocional nos últimos 12 meses, apresentando sentimentos de ansiedade (63,6%) e desânimo para desempenhar suas atividades (45,6%).

Essa temática teve um novo destaque dentro do universo acadêmico no início do ano de 2020, quando foi decretada a crise sanitária mundial em razão da pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), a COVID-19. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (Organização Pan-Americana da Saúde, 2009), do ponto de vista da saúde mental, uma pandemia pode desencadear problemas psicossociais, especialmente pela magnitude do evento e o grau de vulnerabilidade no qual a pessoa se encontra no momento, ultrapassando a capacidade de enfrentamento da população afetada. Estudos conduzidos nesse período mostraram o impacto da pandemia em trabalhadores de saúde e de linha de frente, como equipe médica, profissionais de enfermagem e de serviços essenciais (Almeida et al., 2020; Chen et al., 2020). Em relação à saúde mental dos universitários durante o surto da COVID-19, algumas pesquisas foram realizadas para compreender os reflexos do isolamento social e distanciamento físico na saúde e bem-estar desses estudantes.

Um estudo realizado com aproximadamente quinhentos universitários da área da saúde uma universidade pública brasileira mostrou que a maioria deles estava angustiada (89%) e preocupada (91,7%) com o contexto da pandemia (Martins et al., 2020). Pesquisas nacionais e internacionais vêm evidenciando a alta prevalência de TMC entre estudantes universitários, e estudos apontaram um agravamento durante o período pandêmico (Oksanen et al., 2014; Tran et al., 2017; Alsaleem et al., 2021; Lopes et al., 2022), em especial em estudantes da área da saúde (Santos et al., 2017; Grether et al., 2019; Tran et al., 2017; Gomes et al., 2020).

Nesse contexto, uma revisão sistemática com o objetivo de descrever e analisar as publicações científicas sobre a prevalência de TMC entre universitários brasileiros, considerando o período anterior ao surto da Covid-19 e o contexto de pandemia, evidenciou que, na comparação com dados sobre prevalência de TMC entre população geral e outros grupos específicos, as taxas de TMC entre universitários foram as mais elevadas, variando de 19 a 55,3% (Lopes et al., 2022). Outro estudo, realizado durante a pandemia em cinco universidades públicas de diferentes regiões da Espanha com aproximadamente dois mil estudantes, evidenciou que as mulheres eram mais propensas a desenvolver TMC do que os homens, apresentando taxa de prevalência de 23,1% (Ballester et al., 2020).

Son et al. (2020) entrevistaram cerca de duzentos estudantes de um grande sistema universitário no Texas, Estados Unidos, e identificaram que 71% dos participantes indicaram que seu estresse e ansiedade aumentaram em razão da pandemia de COVID-19; 89% apresentaram dificuldade em se concentrar no trabalho acadêmico; 54% relataram que interações gerais com outras pessoas, como amigos, diminuíram significativamente; e 44% mencionaram que estavam experimentando alguns pensamentos depressivos no período pandêmico.

Entretanto, a sinalização de alta prevalência de TMC entre os estudantes universitários antecede o período da pandemia. Segundo o relatório do projeto de pesquisa sobre Estudantes Universitários Internacionais de Saúde Mental Mundial (WMH) da Organização Mundial da Saúde (WMH-ICS) envolvendo dezenove faculdades em oito países (Austrália, Bélgica, Alemanha, México, Irlanda do Norte, África do Sul, Espanha, Estados Unidos), há um elevado percentual de TMC entre esses estudantes (Auerbach et al., 2016).

Oksanen et al. (2014) realizaram uma pesquisa com mais de 11.000 estudantes finlandeses, ao longo dos anos de 2000 a 2012, com o objetivo de explorar as mudanças na prevalência de sofrimento psíquico e sintomas psicológicos concomitantes entre estudantes universitários. Os resultados demonstraram um aumento na prevalência de sofrimento psíquico dos universitários ao longo dos anos. Em relação à depressão (de 13% para 15%) e à ansiedade (de 8% para 13%), com predominância em mulheres.

A literatura também apontou a existência de fatores associados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários, como sexo feminino, idade, baixa renda, baixo apoio social, dificuldades nos relacionamentos e desempenho acadêmico (Verger et al., 2009; Costa et al., 2010; Graner & Cerqueira, 2019; Ballester et al., 2020).

Salienta-se que a discussão sobre a saúde mental e o sofrimento psíquico dos universitários data da década de cinquenta, reforçando uma preocupação constante com a saúde, bem-estar e desempenho acadêmico desses estudantes. Por isso, enfatiza-se a necessidade de estudos neste campo que possam compreender a problemática do sofrimento psíquico dessa população, considerando o contexto no qual a pessoa está inserida e os determinantes de saúde e sociais envolvidos na produção de saúde mental (Rossi & Cid, 2019). Tal fato, demonstra, portanto, que investigações sobre TMC se tornam essenciais como indicativo de prevenção do sofrimento e promoção de saúde de estudantes universitários, justificando a necessidade de estudos que priorizem o rastreamento de sofrimentos no ambiente acadêmico (Petro et al., 2020; Cao et al., 2020).

Em suma, a saúde da população universitária é influenciada, direta ou indiretamente, por fatores individuais da pessoa e fatores ambientais, podendo ser elementos de

predisposição para TMC e, conseqüentemente, para o sofrimento (World Health Organization, 2008). Diante do exposto, os objetivos deste estudo foram descrever o perfil dos estudantes das áreas da saúde e exatas de uma universidade pública da região Centro-Oeste, determinar a prevalência de TMC entre esses estudantes e verificar os fatores sociodemográficos e relacionadas ao curso associados a sua ocorrência no contexto da pandemia.

## Método

Este estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE de número: 24451619.3.0000.8093).

Trata-se de um estudo com delineamento analítico, observacional, de corte transversal realizado de maio a setembro de 2020 em uma universidade pública do Centro-Oeste brasileiro.

A amostra foi composta por 493 estudantes dos cursos das áreas da saúde (enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, saúde coletiva e terapia ocupacional) e exatas (engenharia aeroespacial, engenharia automotiva, engenharia eletrônica, engenharia de energia e engenharia de software). Essa amostra revelou um poder estatístico apriorístico superior a 99,0%. Utilizou-se para a estimativa do poder alcançado o programa *Power Analysis and Sample Size* (PASS), versão 15.0.

Os critérios de inclusão foram: ser estudante de graduação de curso de áreas da saúde ou exatas de uma universidade pública da região Centro-Oeste brasileira, independente da faixa etária e sexo. Adotou-se como critérios de exclusão os estudantes que estavam afastados da graduação por motivo de saúde e que realizaram o trancamento parcial das atividades acadêmicas.

Os questionários utilizados nesta pesquisa foram um formulário sociodemográfico, composto pelas variáveis: sexo, idade, estado civil, cor da pele, renda familiar, moradia e informações acadêmicas e de saúde, como área do curso, ano na faculdade e se faziam acompanhamento psiquiátrico ou psicoterapia. Para o rastreamento de TMC, utilizou-se o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), um instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A versão brasileira foi validada por Mari & Williams (1986) e posteriormente por Gonçalves et al. (2008), sendo composta por uma escala de 20 itens com alternativas de respostas dicotômica (sim e não) para cada uma das suas questões. O escore é obtido pela somatória das respostas afirmativas, sendo que cada item tem valor de um ponto. Dessa forma, optou-se por utilizar o critério que considera ausência ou não de sintomas de sofrimento psíquico, delimitando para este estudo o escore de corte do SRQ-20 em 7, ou seja, pontuações do SRQ-20 <7 representam ausência de TMC e SRQ-20 ≥7 refere-se à suspeição de TMC, conforme apontado na literatura (Santos et al., 2010; Silva et al., 2014; Paz de Lima, 2015).

Os estudantes foram convidados virtualmente (por e-mail institucional e redes sociais mais utilizadas por eles) a responderem de forma online e voluntária aos questionários, os quais foram disponibilizados por meio da ferramenta do *Google* Formulário. Após o aceite, foi encaminhado um *link* de acesso que direcionava os participantes à página inicial da pesquisa, a qual continha o objetivo, o procedimento e as explicações acerca

do estudo. Além disso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estava disponível para a leitura e foi assinado virtualmente por meio de um ícone de preenchimento obrigatório. Os instrumentos foram autoaplicáveis e anônimos.

A coleta online dos dados foi realizada no estágio inicial de *lockdown* no Brasil, que influenciou o desenho institucional das universidades de um modo geral, como alteração de calendário acadêmico, da grade curricular de cada curso, modificando a condução das disciplinas e demais atividades acadêmicas, as quais passaram a ser realizadas em ambientes virtuais de forma remota. Além disso, a pandemia impôs a diminuição do contato social, a vivência de momentos de insegurança e incerteza em diversos aspectos da vida cotidiana que demarcaram esse período e podem refletir nos achados deste estudo.

Para a análise, foi construída uma planilha eletrônica no programa *Excel* e os achados coletados foram conferidos. O banco de dados foi importado para o software *Statistical Package for The Social Sciences* (SPSS), versão 21.0. A análise estatística descritiva foi realizada utilizando-se frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas. Além disso, calculou-se a taxa de prevalência, obtida segundo a fórmula:

$$\text{Coeficiente de prevalência} = \frac{\text{n}^\circ \text{ de casos de determinada doença em um dado local e período}}{\text{população do mesmo local e período}} \times 10^n \quad (1)$$

Com o objetivo que comparou as variáveis categóricas (sexo, faixa etária, estado conjugal, arranjo de moradia, informações acadêmicas e de saúde) com ocorrência ou não de TMC (desfecho), foi feita a análise bivariada empregando-se razão de prevalência (RP) e razão de chances de prevalência (RCP). Com o propósito de analisar as variáveis preditoras, empregou-se o modelo de regressão logística, tendo como desfecho a ocorrência ou não de TMC. Nesta última análise, as variáveis faixa etária, renda e semestre foram consideradas numéricas. Este estudo considerou o intervalo de confiança de 95% e o nível de significância de 5% ( $p < 0,05$ ).

## Resultados

Participaram do estudo 493 estudantes dos cursos das áreas da saúde e exatas. A idade média dos estudantes foi de 21,2 anos, variando de 20 a 24 anos (65,9%), sendo a maioria solteiros (95,1%), do sexo feminino (66,5%), com renda familiar de 4 até 10 salários mínimos (32,5%) e até 2 salários mínimos (31,0%), autodeclarados pretos/pardos (52,5%) e que moravam com os pais ou familiares (88,2%).

Em relação ao acesso à universidade, 47,5% ingressaram pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS)<sup>1</sup>, com maior proporção de estudantes nos cursos da área da saúde (72,2%), respectivamente nos cursos de terapia ocupacional (19,1%) e saúde coletiva (13,8%), e que estavam cursando entre o segundo e quarto ano de faculdade (46,7%). Identificou-se que 79,5% dos estudantes não faziam acompanhamento voltado para a sua saúde. Do total de 350 estudantes da área da saúde, 277 eram mulheres e 73 homens,

---

<sup>1</sup> O Programa de Avaliação Seriada (PAS) é uma forma de ingresso à universidade realizado em três etapas consecutivas ao final de cada ano do ensino médio. Nas duas primeiras o estudante é avaliado por seus conhecimentos por meio de provas de múltipla escolha. E a terceira etapa é adotada a nota do Enem.

e dos 134 estudantes da área de exatas, 51 eram mulheres e 83 homens. Dentre os acadêmicos que estavam em tratamento, 42,6% faziam psicoterapia, 29,7% acompanhamento psiquiátrico e 27,7% realizavam ambas as intervenções de cuidado.

A prevalência de TMC, avaliada por meio do instrumento SRQ-20, foi de 66,1% (n=326). A partir das análises do SRQ-20, verificou-se que em média os estudantes apresentaram cerca de 10 sintomas ( $\pm 4,7$ ), variando entre zero e 19 sintomas. Observou-se, ainda, uma maior proporção de respostas afirmativas para as seguintes questões: “Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?”; “Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?”; “Tem dificuldades para tomar decisões?” e “Você se cansa com facilidade?”

A Tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição desses achados, considerando os valores absolutos e relativos para as respostas “sim” e “não”.

**Tabela 1.** Respostas às questões do instrumento SRQ-20 de estudantes universitários (n=493).

Questões do instrumento	Sim		Não	
	n	%	n	%
1. Tem dores de cabeça frequentes?	220	44,6%	273	55,4%
2. Tem falta de apetite?	126	25,6%	367	74,4%
3. Dorme mal?	290	58,8%	203	41,2%
4. Assusta-se com facilidade?	187	37,9%	306	62,1%
5. Tem tremores de mão?	148	30,0%	345	70,0%
6. Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)	<b>431</b>	<b>87,4%</b>	62	12,6%
7. Tem má digestão?	163	33,1%	330	66,9%
8. Tem dificuldade de pensar com clareza?	233	47,3%	260	52,7%
9. Tem se sentido triste ultimamente?	293	59,4%	200	40,6%
10. Tem chorado mais do que de costume?	170	34,5%	323	65,5%
11. Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	<b>342</b>	<b>69,4%</b>	151	30,6%
12. Tem dificuldades para tomar decisões?	<b>334</b>	<b>67,7%</b>	159	32,3%
13. Tem dificuldades na universidade (sua atividade é penosa, causa sofrimento)?	235	47,7%	258	52,3%
14. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	125	25,4%	368	74,6%
15. Tem perdido o interesse pelas coisas?	280	56,8%	213	43,2%
16. Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	199	40,4%	294	59,6%
17. Tem tido ideias de acabar com a vida?	71	14,4%	422	85,6%
18. Sente-se cansado(a) o tempo todo?	275	55,8%	218	44,2%
19. Tem sensações desagradáveis no estômago?	200	40,6%	293	59,4%
20. Você se cansa com facilidade?	<b>299</b>	<b>60,6%</b>	194	39,4%

Fonte: Dados da pesquisa.

Na comparação entre os grupos, com e sem TMC, a maior proporção dos estudantes foi do sexo feminino ( $p < 0,001$ ) e que faz acompanhamento de saúde ( $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Associação entre os TMC e as variáveis sociodemográficas de estudantes universitários (n=493).

Variáveis	Transtornos mentais comuns		RP*	RCP†	p‡
	Sim n (%)	Não n (%)			
<b>Sexo</b>					
Feminino	241(73,5%)	87(26,5%)	1,45(1,22-1,71)	2,70(1,81-4,02)	0,001
Masculino	79(50,6%)	77(49,4%)			
<b>Faixa etária</b>					
15-19 anos	84(63,6%)	48(36,4%)	1,05(0,90-1,22)	1,16(0,76-1,76)	0,480
≥20	242(67%)	119(33%)			
<b>Estado civil</b>					
Casado	17(70,8%)	7(29,2%)	1,07(0,82-1,40)	1,25(0,51-3,09)	0,617
Solteiro	309(65,9%)	160(34,1%)			
<b>Cor da pele</b>					
Branca	147(64,8%)	80(35,2%)	1,03(0,91-1,17)	1,11(0,76-1,62)	0,517
Parda ou preta	174(67,2%)	85(32,8%)			
<b>Renda (salário mínimo)</b>					
≤4 salários	188(67,9%)	89(32,1%)	1,06(0,93-1,20)	1,19(0,82-1,73)	0,354
>4 salários	138(63,9%)	78(36,1%)			
<b>Moradia</b>					
Sozinho/amigos/companheiros	43(74,1%)	15(25,9%)	1,14(0,96-1,34)	1,54(0,82-2,86)	0,170
Com pais ou familiares	283(65,1%)	152(34,9%)			
<b>Área do curso</b>					
Saúde	237(66,6%)	119(33,4%)	1,02(0,88-1,18)	1,07(0,71-1,62)	0,735
Exatas	89(65%)	48(35%)			
<b>Ano na faculdade</b>					
1º ao 2º ano	129(66,8%)	64(33,2%)	1,01(0,89-1,15)	1,05(0,71-1,54)	0,788
2º ano ou mais	197(65,7%)	103(34,3%)			
<b>Acompanhamento de saúde</b>					
Sim (psiquiatria ou psicoterapia)	89(88,1%)	12(11,9%)	1,45(1,30-1,62)	4,85(2,56-9,16)	0,001
Não	237(60,5%)	155(39,5%)			

Fonte: Dados da pesquisa. \*RP: Razão de Prevalência; †RCP: Razão de Chance de Prevalência; ‡Nível de significância ( $p < 0,05$ ).

Para verificar os fatores associados aos TMC entre os estudantes, foram consideradas como preditoras desse evento as variáveis sexo, faixa etária, arranjo de moradia, raça/cor, renda, curso e semestre de faculdade. Essas variáveis foram definidas a partir de consulta à Tabela 3, à literatura científica e respeitando a temporalidade em relação à ocorrência de TMC. Os preditores estatisticamente significativos para o indicativo de presença de TMC foram ser do sexo feminino ( $p < 0,001$ ) e ser de algum curso da área de exatas ( $p = 0,050$ ). Ressalta-se que o maior preditor de TMC foi a variável sexo feminino (RCP=3,10) (Tabela 3).

**Tabela 3.** Modelo final de regressão logística binomial para as variáveis associadas à ocorrência de TMC de estudantes universitários (n=493).

Variáveis	RCP*	IC 95%†	p‡	
Sexo	Masculino	–	–	
	Feminino	3,10	1,97 – 4,87	<0,001
Faixa etária (em anos)		1,00	0,94 – 1,08	0,810
Raça/cor	Preta ou parda	1,18	0,79 – 1,76	0,419
	Branca	–	–	–
Moradia	Com pais ou familiares	–	–	–
	Sozinho/amigos/companheiros	1,42	0,69 – 2,90	0,332
Renda (em salários)		0,98	0,90 – 1,07	0,737
Curso	Saúde	–	–	–
	Exatas	1,63	0,98 – 2,71	0,050
Semestres		1,03	0,94 – 1,12	0,471

Fonte: Dados da pesquisa. \*RCP: Razão de Chance de Prevalência; †Intervalo de confiança; ‡Nível de significância ( $p < 0,05$ ).

## Discussão

Os resultados deste estudo mostraram majoritariamente uma população de jovens estudantes na faixa etária de 20 a 24 anos com média de 21,2 anos, o que corrobora o relatório Fonaprace (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2018), cujos resultados mostram que o grupo de estudantes com 20 anos ou mais tem aumentado a sua participação no ensino superior.

Observou-se também a predominância do sexo feminino (66,5%), o que coincide com os dados do relatório Fonaprace (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2018), que mostraram uma tendência de crescimento da participação de mulheres no ensino superior, 51,4% e 54,6% em 1996 e 2018, respectivamente.

Nesta pesquisa, vale apontar que a maior proporção de estudantes do sexo feminino graduandas da área da saúde, ao passo que os cursos da área de exatas apontaram maior número de estudantes do sexo masculino. A literatura aponta que a predominância do sexo feminino é característica de cursos da área da saúde (Oliveira et al., 2020; Vieira et al., 2019), pelo entendimento de serem profissões de assistência e cuidado e, dessa forma, associadas ao público feminino, com a justificativa de que as mulheres estariam mais aptas para tais atividades (Hirata & Kergoat, 2007; Souza & Guedes, 2016). A pesquisa de Haddad et al. (2010) sobre a formação de profissionais na área da saúde, realizada a partir dos bancos de dados do Ministério da Educação, mostrou que as mulheres eram maioria em todos os cursos, exceto em educação física e entre os concluintes dos cursos de medicina. Entre os cursos de fonoaudiologia, serviço social, terapia ocupacional e nutrição, as mulheres representaram mais de 90% dos estudantes. Esses achados evidenciam questões de gênero impostas por uma sociedade tradicional, para que a mulher se enquadre dentro de um padrão pré-estabelecido, apesar da constatação de avanços e mudanças quanto ao reconhecimento social, sobretudo por sua inserção em diversos espaços profissionais.

Outro achado deste estudo refere-se ao fato de a maioria dos participantes se autodeclararam pretos ou pardos, de baixa renda e ingressantes pelo PAS. A partir da Lei nº 12.711, de 29 agosto de 2012 (Brasil, 2012), tem-se uma ampliação do ingresso ao ensino superior, que passa a incluir ainda mais jovens estudantes negros, indígenas, com deficiência, de escola pública e em situação de vulnerabilidade socioeconômica nas universidades (Brasil, 2008). A permeabilidade social no ensino superior foi possível em razão das transformações que ampliaram o acesso à universidade, como o Programa Universidade para Todos – ProUni, o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e, somado a isso, o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) associado às políticas afirmativas, expandindo para a inclusão de outras camadas sociais, na tentativa da democratização do acesso dos segmentos minoritários (Almeida, 2017).

Entretanto, há muitos desafios impostos para a permanência e conclusão do curso desses estudantes no ensino superior resultantes da falta de políticas efetivas e apoio institucional que, pela insuficiência de suporte aos acadêmicos, desencadeiam processos de evasão de estudantes de baixa renda, em situação de vulnerabilidade, gênero, que exercem atividade laboral em paralelo, dentre outros (Gilioli, 2016).

Desse modo, esse resultado se explica por conta do avanço nas políticas de cotas, o qual, ainda que tenha barreiras e enfrentamentos no acesso ao ensino superior, representa o direito à educação, sobretudo da igualdade de oportunidades e do reconhecimento da diversidade em nosso país, que permitem o engajamento dos estudantes para driblar os problemas enfrentados como situação de discriminação e preconceito no ambiente universitário.

Esse cenário de mudança de perfil de ingressantes coloca em evidência um novo desafio institucional, sobretudo na compreensão dos fatores sociais, ambientais e pessoais dos estudantes em relação à pobreza, às desigualdades, à saúde e à cultura, que podem dificultar a permanência desses acadêmicos na universidade, revelada em índices de evasão, abandono, trancamentos, adocimentos, em especial, os TMC. Neste estudo, a prevalência de TMC foi de 66,1% ( $n=326$ ), apontando na análise bivariada a associação com sexo feminino ( $p<0,001$ ) e estudantes em acompanhamento de saúde ( $p<0,001$ ) e como preditores estatisticamente significativos (modelo de regressão), sexo feminino ( $p <0,001$ ) e estar em algum curso da área de exatas ( $p = 0,005$ ). Esses dados são discutidos a seguir.

A prevalência de TMC na amostra estudada é um dado preocupante, especialmente porque são percentuais superiores aos apresentados em estudos nacionais e internacionais anteriores realizados com a mesma população alvo.

Como exemplo, tem-se uma ampla revisão integrativa da literatura realizada entre 2006 e 2016 por Graner & Cerqueira (2019), na qual os autores mostraram que as investigações sobre TMC eram predominantemente com a população de estudantes da saúde, e que a prevalência do sofrimento psíquico, a partir do instrumento SRQ-20, tinha uma variação de 33,7 a 49,1%. Essa revisão destaca que a maioria dos estudos são voltadas para estudantes da área da saúde, em especial da medicina. Esses achados divergem dos resultados desta pesquisa, que apresentou uma taxa de prevalência de sofrimento expressivamente maior, dado que pode ser explicado pelo contexto da pandemia.

Destaca-se que a presente pesquisa foi realizada durante o início do período pandêmico, momento no qual ocorreu a suspensão do calendário acadêmico da

universidade e afetou toda comunidade universitária, com alterações significativas nas rotinas diárias e impactos na saúde mental e no bem-estar das pessoas. Isso corrobora as diretrizes da *Inter-Agency Standing Committee* (2007), as quais pontuam que situações de emergência sanitária podem potencializar os riscos aos níveis individual, familiar, comunitário e social e desencadear, em determinados grupos, problemas psicológicos e/ou sociais, como em mulheres, idosos, pessoas em situação de vulnerabilidade.

Nessa direção, alguns estudos internacionais realizados no período da pandemia da COVID-19 com estudantes universitários, embora apresentem diferenças nas taxas de TMC identificadas, corroboram a predominância do sofrimento psíquico no público feminino. Um estudo realizado com mais de 2.500 estudantes etíopes no período de pandemia revelou que 50,8% relataram sintomas depressivos, 58% apontaram sintomas de ansiedade e 34,1% estavam com níveis de estresse, predominantemente mulheres (Lemma et al., 2012). Naser et al. (2020) identificaram, durante o isolamento social em razão da COVID-19, em uma amostra de mais de 1.000 estudantes universitários jordanianos, uma taxa prevalência de TMC de 21,5%, e mostraram que as mulheres tinham maior risco de sofrimento psíquico quando comparadas aos homens.

As análises do modelo de regressão logística binomial deste estudo reforçaram esses achados, apontando que a probabilidade de desenvolver TMC estava associada às variáveis sexo feminino e estar em algum curso da área de exatas. Compartilhando desses achados, alguns estudos demonstraram que a variável sexo feminino tem influência positiva no desencadeamento de transtorno em estudantes da área da saúde e, conseqüentemente, no sofrimento psíquico (Costa et al., 2014; Oliveira et al., 2020). Considerando o contexto de pandemia, infere-se que o sofrimento pode ser influenciado pela sobreposição de papéis ocupacionais que a mulher obteve nesse período. Alguns estudos apontam que as mulheres assumem mais tarefas e responsabilidades na família, desempenhando diversos papéis ocupacionais, como o de cuidadora, mãe, esposa e serviços domésticos; portanto, a diminuição do apoio social para o cuidado com a família, filhos e tarefas profissionais tornam-se fatores que influenciam a participação das mulheres nas demandas acadêmicas (Arias et al., 2019; Aquino et al., 2021).

Por outro lado, aproximando-se dos resultados da presente pesquisa, Rocha et al. (2020) identificaram, em período pandêmico, utilizando o mesmo instrumento deste estudo, prevalência de 82,9% na suspeição de TMC entre estudantes de medicina de uma instituição privada. Já o estudo realizado na Universidade de Marshall, Estados Unidos da América, durante a pandemia, com 150 estudantes identificou que a maioria dos participantes apresentou sintomas de ansiedade (60,7%) e depressão (76,7%) (Lowe et al., 2020).

Uma possível razão para a alta prevalência de sofrimento psíquico no ambiente universitário pode ser a pressão causada pelas mudanças de papéis, tarefas de estudo, relacionamentos interpessoais e adaptabilidade, que podem afetar a saúde, o desempenho acadêmico e o estilo de vida (Padovani et al., 2014; Liu et al., 2019), fatores que foram agravados durante o período de distanciamento físico e suspensão de atividades acadêmicas presenciais. Além disso, outros aspectos da vida estudantil foram afetados durante esse contexto de pandemia, como a experiência universitária, a proximidade entre as pessoas e construção de vínculos, a falta de se sentir pertencente à comunidade acadêmica, vivências que reafirmam a identidade pessoal e social dos estudantes universitários. Infere-se ainda que sentimentos de desesperança despertados

durante o período de pandemia – não só pela crise sanitária em si, mas também pelo que ela impactou os aspectos políticos e socioeconômicos, especialmente no Brasil, gerando incertezas quanto às perspectivas futuras, altos índices de desemprego, que atingiu 29,8% da população, cerca de 4,1 milhões entre os mais jovens (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021) – podem interferir não só na rotina, mas também no enfrentamento de adversidades socioeconômicas e, conseqüentemente, nos (re)planejamentos futuros dos jovens, o que pode repercutir negativamente na saúde e na qualidade de vida nas pessoas (Fisher et al., 2022).

Outro achado significativo foi a associação do TMC com a variável estar em acompanhamento de saúde. Silva (2021) conduziu um estudo com estudantes de cursos de exatas durante o surto da COVID-19 e encontrou rastreio positivo para TMC de 72,9% utilizando o mesmo instrumento desta pesquisa, com associação significativa para ser mulher cisgênero, relatar dificuldades de permanência na universidade e estar em acompanhamento de saúde. Segundo Silva, os estudantes em acompanhamento de saúde possuem razão de chance de 5,12 mais vezes de desenvolver sofrimento psíquico do que os que não estão em tratamento.

Com relação ao modelo de regressão logística binomial, este estudo apontou que a probabilidade de desenvolver TMC está associada às variáveis sexo feminino e estar em algum curso da área de exatas. Compartilhando desses achados, alguns estudos demonstraram que a variável sexo feminino tem influência positiva no desencadeamento de TMC em estudantes da área da saúde e, conseqüentemente, de sofrimento psíquico (Costa et al., 2014; Oliveira et al., 2020). Considerando o contexto de pandemia, infere-se que o sofrimento pode ser influenciado pela sobreposição de papéis ocupacionais que as mulheres experimentaram nesse período.

Entretanto, divergindo dos dados desta pesquisa e considerando o período de pandemia, um estudo realizado com 300 estudantes chineses em seis universidades distintas não mostrou associação positiva com a variável sexo, mas o modelo de regressão multivariada mostrou a que a autoavaliação da saúde, a pressão do estudo e o apoio social foram preditores significativos para o sofrimento psíquico (Lei et al., 2021).

Apesar deste estudo apontar para um público majoritariamente de estudantes do sexo feminino, de cursos da área da saúde, constatou-se como preditor para o TMC estar em graduação de áreas de exatas. Uma hipótese é que o ambiente universitário ainda é marcado por relações hierárquicas, de preconceitos, com ideias conservadoras, de relações de poder e de discriminação de gênero (Oikawa, 2019). Especificamente para estudantes mulheres, há uma exigência social para que cumpram um padrão estabelecido, sobretudo para o engajamento em profissões específicas e por cobranças que recaem no sexo feminino (Zanello et al., 2015; Miguel, 2017; Vieira et al., 2019), situações causadas pela desigualdade de gênero e que podem gerar sofrimento. Por outro lado, pode-se inferir que cursos das áreas de exatas possuem poucas disciplinas ou espaços de cuidado, escuta e partilha de sofrimentos, como acontece com frequência em cursos da área da saúde, em razão da formação profissional.

## **Conclusão**

Para os participantes desta pesquisa, os preditores para ocorrência de TMC estavam relacionados ao sexo e estar em algum curso da área de exatas. Apesar disso, não se

desconsidera que outras variáveis possam influenciar no sofrimento psíquico, como consumo de álcool e outras drogas, sono, etnia, fatores do ambiente acadêmico, dentre outras.

A prevalência na amostra estudada é expressivamente mais alta em comparação aos estudos com a mesma população em cursos da área da saúde, podendo-se concluir que o sofrimento psíquico desses estudantes universitários piorou no período da pandemia de COVID-19.

O reconhecimento da existência de TMC e seus fatores associados no ambiente universitário pode permitir o desenvolvimento de ações de promoção à saúde e de estratégias de prevenção do sofrimento. Somado a isso, a articulação com canais e espaços de cuidado oferecidos pela própria universidade pode fornecer assistência e acolhimento aos estudantes, além de buscar o apoio na rede de saúde para a continuidade do cuidado.

Os achados deste estudo precisam ser considerados no contexto de algumas limitações: i) a amostra não permite a ampliação dos resultados para estudantes de outras universidades do país, mas possibilitam o rastreamento epidemiológico, contribuindo para futuras investigações sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários; ii) estudos do tipo transversal não podem estabelecer uma relação de causa-efeito, além do viés relacionado ao momento da coleta de dados, no período da pandemia.

Nesse sentido, sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas com o mesmo instrumento de rastreamento para detectar sintomas relacionados aos TMC, como ansiedade e depressão, para estudantes tanto da área de exatas como da saúde, no período pós-pandemia, para comparação dos achados. Além disso, um estudo longitudinal possibilitaria determinar os principais preditores de sofrimento psíquico durante o período da graduação.

Em síntese, este estudo reforça a necessidade de investimento na criação de espaços de cuidado que tenham uma atenção especial às mulheres e também àquelas em cursos da área de exatas. Tais espaços são essenciais para o fortalecimento de vínculos, convívio e comunicação, e ainda como suporte na prevenção do sofrimento psíquico, além de discussões sobre políticas de assistência estudantil voltadas para a promoção da saúde da comunidade acadêmica.

## Referências

- Almeida, C. A. R. P. N., Almeida, G. A. R. P. N., Carvalho, M. R. C. T., & Marcolino, A. B. L. (2020). Aspectos relacionados à saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia do Covid-19: uma revisão integrativa da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(6), 19481-19491.
- Almeida, J. A. S. (2017). *A Universidade de Brasília é promotora de saúde? A percepção dos alunos dos cursos da saúde* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Alsalem, M. A., Alsalem, S. A., Shehri, S. A., Awadalla, N. J., Mirdad, T. M., Abbag, F. I., & Mahfouz, A. A. (2021). Prevalence and correlates of university students' perceived stress in southwestern Saudi Arabia. *Medicine*, 100(38), 1-5.
- American Psychiatric Association – APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Aquino, E. M. L., Diele-Viegas, L. M., Pilecco, F. B., Reis, A. P., & Menezes, G. M. S. (2021). Mulheres das ciências médicas e da saúde e publicações brasileiras sobre Covid-19. *Saúde em Debate*, 45(1), 60-72.

- Araújo, T. M., Aquino, E., Menezes, G., Santos, G. O., & Aguiar, L. (2003). Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. *Revista de Saúde Pública*, 37(4), 424-433.
- Araújo, T. M., Pinho, O. S., & Almeida, M. M. G. (2005). Prevalência de TMC em mulheres e sua relação com as características sócio-demográficas e o trabalho doméstico. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 5(3), 337-348.
- Arias, G., Walter, L., Huamani, C., Julio, C., Ceballos, C., & Karla, D. (2019). Síndrome de Burnout em profesores de escuela y universidad: un análisis psicométrico y comparativo em la ciudad de Arequipa. *Propósitos y Representaciones*, 7(3), 72-110.
- Auerbach, R. P., Alonso, J., Axinn, W. G., Cuijpers, P., Ebert, D. D., Green, J. G., Hwang, I., Kessler, R. C., Liu, H., Mortier, P., Nock, M. K., Pinder-Amaker, S., Sampson, N. A., Aguilar-Gaxiola, S., Al-Hamzawi, A., Andrade, L. H., Benjet, C., Caldas-de-Almeida, J. M., Demyttenaere, K., Florescu, S., Girolamo, G., Gureje, O., Haro, J. M., Karam, E. G., Kiejna, A., Kovess-Masfety, V., Lee, S., McGrath, J. J., O'Neill, S. O., Pennell, B.-E., Scott, K., Ten Have, M., Torres, Y., Zaslavsky, A. M., Zarkov, Z., & Bruffaerts, R. (2016). Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *Psychological Medicine*, 46(14), 2955-2970.
- Ballester, L., Alayo, I., Vilaguti, G., Almenara, J., Cebrià, A. I., Echeburúa, E., Gabilondo, A., Gili, M., Lagares, C., Piqueras, J. A., Roca, M., Soto-Sanz, V., Blasco, M. J., Castellví, P., Mortier, P., Bruffaerts, R., Auerbach, R. P., Nock, M. K., Kessler, R. C., & Jordi, A. (2020). Mental disorders in Spanish university students: Prevalence, age-of-onset, severe role impairment and mental health treatment. *Journal of Affective Disorders*, 273, 604-613.
- Brasil. (2012, 29 de agosto). Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1, p. 1. Recuperado em 31 de março de 2022, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm).
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. (2008). *Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960*. Brasília: INEP. Recuperado em 31 de março de 2022, de [https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia\\_da\\_educacao/por\\_uma\\_politica\\_de\\_formacao\\_do\\_magisterio\\_nacional.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/por_uma_politica_de_formacao_do_magisterio_nacional.pdf).
- Cao, W., Fang, Z., Hou, G., Han, M., Xu, X., Dong, J., & Zheng, J. (2020). The psychological impact of the Covid-19 epidemic on college students in China. *Psychiatry Research*, 287(112934), 1-5.
- Castro, V. R. (2017). Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*, 9, 380-401.
- Cerchiarri, E. A. N., Caetano, D., & Faccenda, O. (2005). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia*, 25(2), 252-265.
- Chen, Q., Liang, M., Li, Y., Guo, J., Fei, D., Wang, L., He, L., Sheng, C., Cai, Y., Xiaojun, L., Wang, L., & Zhang, Z. (2020). Mental health care for medical staff in China during the COVID-19 outbreak. *The Lancet Psychiatry*, 7(4), e15-e16.
- Costa, E. F., Andrade, T. M., Silvany Neto, A. M., Melo, E. V., Rosa, A. C., Alencar, M. A., & Silva, A. M. (2010). Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. *The British Journal of Psychiatry*, 32(1), 11-19.
- Costa, E. F., Rocha, M. M., Santos, A. T., Melo, E. V., Martins, L. A., & Andrade, T. M. (2014). Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 60(6), 525-530.
- Duffy, A., Saunders, K., Malhi, G. S., Patten, S., Cipriani, A., McNevin, S. H., MacDonald, E., & Geddes, J. (2019). Mental health care for university students: a way forward? *The Lancet Psychiatry*, 6(11), 885-887.
- Fisher, G., Ahlberg, M., Cragle, C., Kudeh, D., Laytos, M., Lopes, K., Riesterer, C., Sedon, M., Scott, A., Sock, L., & Victor, J. (2022). Occupational engagement and quality of life in occupational therapy students and professionals during coronavirus pandemic. *Open Journal of Social Sciences*, 10(1), 211-239.

- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – Fonaprace. (2018). *V Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior*. Brasília: Fonaprace.
- Gilioli, R. S. P. (2016). *Evasão em Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil: expansão da rede, Sisu e desafios*. Consultoria Legislativa dos Deputados (Estudo Técnico). Recuperado em 31 de março de 2022, de [https://nupe.blumenau.ufsc.br/files/2017/05/evasao\\_institui%C3%A7%C3%B5es.pdf](https://nupe.blumenau.ufsc.br/files/2017/05/evasao_institui%C3%A7%C3%B5es.pdf)
- Gomes, C. F. M., Pereira Junior, R. J., Cardoso, J. V., & Silva, D. A. (2020). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. *SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 16(1), 1-8.
- Gonçalves, D. M., Stein, A. T., & Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(2), 380-390.
- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346.
- Grether, E. O., Becker, M. C., Menezes, H. M., & Nunes, C. R. D. O. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina da Universidade Regional de Blumenau (SC). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(Supl.1), 276-285.
- Haddad, A. E., Morita, M. R., Pierantoni, C. R., Brenelli, S. L., Passarella, T., & Campos, F. E. (2010). Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. *Revista de Saúde Pública*, 44(3), 383-393.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. (2021). Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas para o ano. *Carta de Conjuntura*, 51(6). Recuperado em 31 de março de 2022, de [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210413\\_cc51\\_nota\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210413_cc51_nota_mercado_de_trabalho.pdf)
- Inter-Agency Standing Committee – IASC. (2007). *Guidelines on mental health and psychosocial support in emergency settings*. Geneva: IASC. Recuperado em 31 de março de 2022, de <https://interagencystandingcommittee.org/iasc-reference-group-on-mental-health-and-psychosocial-support-in-emergency-settings>
- Lei, X., Liu, C., & Jiang, H. (2021). Mental health of college students and associated factors in Hubei of China. *PLoS One*, 16(7), 1-11.
- Lemma, S., Gelaye, B., Berhabe, Y., Worku, A., & Williams, A. M. (2012). Sleep quality and its psychological correlates among university students in Ethiopia: a cross-sectional study. *BMC Psychiatry*, 12(237), 1-7.
- Liu, X., Ping, S., & Gao, W. (2019). Changes in undergraduate students' psychological well-being as they experience university life. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(16), 1-14.
- Lopes, F. M., Lessa, R. T., Carvalho, R. A., Reichert, R. A., Andrade, A. L. M., & Micheli, D. (2022). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-23.
- Lowe, B., Bryant-Melvin, K., Peterson, M., Hussain, N., & Holroyd, S. (2020). A retrospective study of students referred to a psychiatric clinic at a College Counseling Center in Appalachia. *Southern Medical Journal*, 113(5), 250-253.
- Malajovich, N., Vilanova, A., Frederico, C., Cavalcanti, M. T., & Velasco, L. B. (2017). A juventude universitária na contemporaneidade: a construção de um serviço de atenção em saúde mental para estudantes. *Mental*, 11(21), 356-377.
- Mari, J. J., & Williams, P. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *The British Journal of Psychiatry*, 148, 23-26.
- Martins, A. B. T., Falcão, C. S. V., Pereira, Á. M. C., Carvalho, J. Q., Diogo, J. L., Eloy, Y. R. G., & Abdon, A. P. V. (2020). Sentimento de angústia e isolamento social de universitários da área da saúde durante a pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 33, 1-9.

- Miguel, L. F. (2017). Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1219-1237.
- Moreira, J. K. P., Bandeira, M., Cardoso, C. S., & Scalon, J. D. (2011). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em uma população assistida por equipes do Programa Saúde da Família. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 60(3), 221-226.
- Naser, A. Y., Dahmash, E. Z., Al-Rousan, R., Alwafi, H., Alrawashdeh, H. M., Ghoul, I., Abidine, A., Bokhary, M. A., Al-Hadithi, H. T., Ali, D., Abuthawabeh, R., Abdelwahab, G. M., Alhartani, Y. J., Al Muhaisen, H., Dagash, A., & Alyami, H. S. (2020). Mental health status of the general population, healthcare professionals, and university students during 2019 coronavirus disease outbreak in Jordan: A cross-sectional study. *Brain and Behavior*, 10(8), 1-13.
- Neves, M. C. C., & Dalgalarrodo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 56(4), 237-244.
- Oikawa, F. M. (2019). *Implicações do contexto universitário na saúde mental dos estudantes* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba.
- Oksanen, A. M., Laimi, K., Löyttyniemi, E., & Kunttu, K. (2014). Trends of weekly musculoskeletal pain from 2000 to 2012: national study of Finnish university students. *European Journal of Pain*, 18(9), 1316-1322.
- Oliveira, E. B., Zeitoune, R. C., Gallasch, C. H., Pérez Junior, E. F., Silva, A. V., & Souza, T. C. (2020). Trastornos mentales comunes en académicos de enfermería del ciclo profesional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), 1-6.
- Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS. (2009). *Proteção da saúde mental em situações de epidemias*. Recuperado em 31 de março de 2022, de <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situaciones-de-Epidemias--Portugues.pdf>.
- Padovani, R. C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F., Cavalcanti, H. A. F., & Lameu, J. N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 2-10.
- Patton, G. C., Sawyer, S. M., Santelli, J. S., Ross, D. A., Afifi, R., Allen, N. B., Arora, M., Azzopardi, P., Baldwin, W., Bonell, C., Kakama, R., Kennedy, E., Mahon, J., McGovern, T., Mokdad, A. H., Patel, V., Petroni, S., Reavley, N., Taiwo, K., Waldfogel, J., Wickremarathne, D., Barroso, C., Bhutta, Z., Fatusi, A. O., Mattoo, A., Diers, J., Fang, J., Ferguson, J., Ssewamala, F., & Viner, R. M. (2016). Our future: a Lancet commission on adolescent health and wellbeing. *Lancet*, 387(10036), 2423-2478.
- Paz de Lima, P. J. (2015). Avaliação de transtornos mentais comuns em comunicadas rurais em Atibaia/SP - Brasil. *Cad. Bras. de Saúde Mental*, 7(15), 101-121.
- Petro, V. A., Fernandes, J. M., Silva, L. P., Reis, B. O. P., Pereira, S. S., Sailer, G. C., & Cardoso, L. (2020). Transtornos mentais comuns, estresse e autoestima em universitários da área da saúde do último ano. *Research Social Development*, 9(8), 1-21.
- Rocha, I. L., Varão, F. S., & Nunes, J. R. (2020). Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 102989-103000.
- Rossi, L. M., & Cid, M. F. B. (2019). Adolescências, saúde mental e crise: a história contada por familiares. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 734-742. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1811>.
- Santos, G. B., Alves, M. C., Goldbaum, M., Cesar, C. L., & Gianini, R. J. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área urbana de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(11), 1-10.
- Santos, H. G. B., Marcon, S. R., Espinosa, M. M., Baptista, M. N., & de Paulo, P. M. C. (2017). Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 25, 1-8.
- Santos, K. O. B., Araújo, T. M., Pinho, P. S., & Silva, A. C. C. (2010). Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). *Revista Baiana Saúde Pública*, 34(3), 544-560.

- Silva, A. G., Cerqueira, A. T. A. R., & Lima, M. C. P. (2014). Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(1), 229-242.
- Silva, E. P. (2021). *Determinação Social da Saúde e Sofrimento Psíquico na Universidade: uma pesquisa com estudantes do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) do campus da USP de São Carlos* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Son, C., Hegde, S., Smith, A., Wang, X., & Sasangohar, F. (2020). Effects of COVID-19 on college students' mental health in the United States: interview survey study. *Journal of Medical Internet Research*, 22(9), e21279.
- Souza, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.
- Tran, A., Tran, L., Geghre, N., Darmon, D., Rampal, M., Brandone, D., Gozzo, J., Haas, H., Rebouillat-Savy, K., Caci, H., & Avillach, P. (2017). Health assessment of French university students and risk factors associated with mental health disorders. *PLoS One*, 12(11), 1-18.
- Verger, P., Combes, J. B., Kovess-Masfety, V., Choquet, M., Guagliardo, V., Rouillon, F., & Peretti-Wattel, P. (2009). Psychological distress in first year university students: socioeconomic and academic stressors, mastery and social support in young men and women. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 44(8), 643-650.
- Vieira, A., Monteiro, P. R. R., Carrieri, A. P., Guerra, V. A., & Brant, L. C. (2019). Um estudo das relações entre gênero e âncoras de carreira. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(3), 577-589.
- World Health Organization – WHO. (2008). *Pacto europeu para a saúde mental e o bem-estar: conferência de alto nível da OMS*. Bruxelas: UE/OMS. Recuperado em 31 de março de 2022, de [https://health.ec.europa.eu/system/files/2016-11/mhpact\\_pt\\_0.pdf](https://health.ec.europa.eu/system/files/2016-11/mhpact_pt_0.pdf).
- World Health Organization – WHO. (2013). *Mental health action plan 2013-2020*. Geneva: OMS. Recuperado em 31 de março de 2022, de [https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA66/A66\\_R8-en.pdf](https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA66/A66_R8-en.pdf)
- World Health Organization – WHO. (2016). *Prevención de la conducta suicida*. Washington: OPS. Recuperado em 31 de março de 2022, de <https://iris.paho.org/handle/10665.2/31167>.
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246.
- Zbunovicz, K. F., & Mariotti, M. C. (2021). The vulnerabilities of University Students: an integrative review. *SciELO Preprints*. Recuperado em 31 de março de 2022, de <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3011>.

### Contribuição dos Autores

Daniela da Silva Rodrigues: elaboração da pesquisa, coleta e análise de dados, organização dos resultados, discussão e redação do texto. Daniel Marinho Cezar da Cruz: revisão final do texto. Janaína Santos Nascimento: tratamento e análise dos dados e revisão final do texto. Maria Fernanda Barboza Cid: orientação de todas as etapas do estudo e revisão final do texto.

### Autora para correspondência

Daniela da Silva Rodrigues  
e-mail: [danirodrigues.to@gmail.com](mailto:danirodrigues.to@gmail.com)

### Editora de seção

Profa. Dra. Adriana Miranda Pimentel